



jp razão de ser

RAZÃO de SER
Medicina: Cultura, Ciência e Humanização

SAVE THE DATE

24h de NEUROGASTROENTEROLOGIA
CURSO de PRIMAVERA

NMD
NÚCLEO DE NEUROGASTROENTEROLOGIA
E MOTILIDADE GASTROINTESTINAL

9 e 10 ABRIL | 2021
LISBOA

GRANDES TEMAS:
• RELAÇÃO MÉDICO-DOENTE
• DISPEPSIA



“A RELAÇÃO MÉDICO-DOENTE” (REFLEXÕES A PROPÓSITO DE UM CASO CLÍNICO)

José Poças

Autor do livro “Ode ou Requiem”

Coautor e Editor do livro “A Relação Médico-Doente”

Responsável pelo site josepocas.com, Médico e Melómano

A Relação Médico-Doente

Um relacionamento humano entre duas pessoas

(Henry Lamb, 1883-1960)

(Médico, Matemático e Pintor
australiano e inglês)



O início da história...



- Há pouco mais de um ano, fui instado telefonicamente por um doente que sigo em ambulatório no meu consultório nas vésperas deste se ausentar para uma deslocação de cariz profissional ao longínquo Paquistão, onde teria de permanecer longas semanas, dizendo-me que tinha ido visitar o seu irmão e queria saber se eu poderia ajudá-lo. Conhecia ambos, pois tinham sido meus colegas no Liceu Nacional de Setúbal durante o ensino secundário e recordava-me vagamente de até já o ter também observado em consulta há um bom par de anos, embora não soubesse agora dizer exatamente porquê.
- Pelo seu tom de voz, percebi que o Jorge estava muito preocupado, mas eu confessei que, apesar de vivermos numa cidade onde muita gente da nossa geração se encontra e troca informações acerca das pessoas que conhecemos, eu nunca ouvira dizer nada acerca da situação clínica do seu irmão. Fiquei então a saber que, apesar de ter os bons hábitos de fazer exercício físico regularmente, subindo inclusive a serra da Arrábida de bicicleta com frequência, até ao início do confinamento em 2020, estava, após cerca de meio ano, imobilizado numa cadeira de rodas, quase sem conseguir sequer mexer os dedos das mãos para comer, teclar o computador ou manusear o telemóvel, pois tinham-lhe diagnosticado uma doença do neurónio motor (ELA- Esclerose Lateral Amiotrófica). Não sendo especialista em Neurologia, disse-lhe que já tinha observado alguns doentes com esta patologia e que conhecia a história de algumas figuras públicas de renome que dela tinham padecido, desde o caso do famosíssimo astrofísico inglês, Stephen Hawking, ou do cantautor português, Zeca Afonso, que faleceu na Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital de Setúbal, num dia em que estava de serviço à urgência, o que jamais esquecerei.



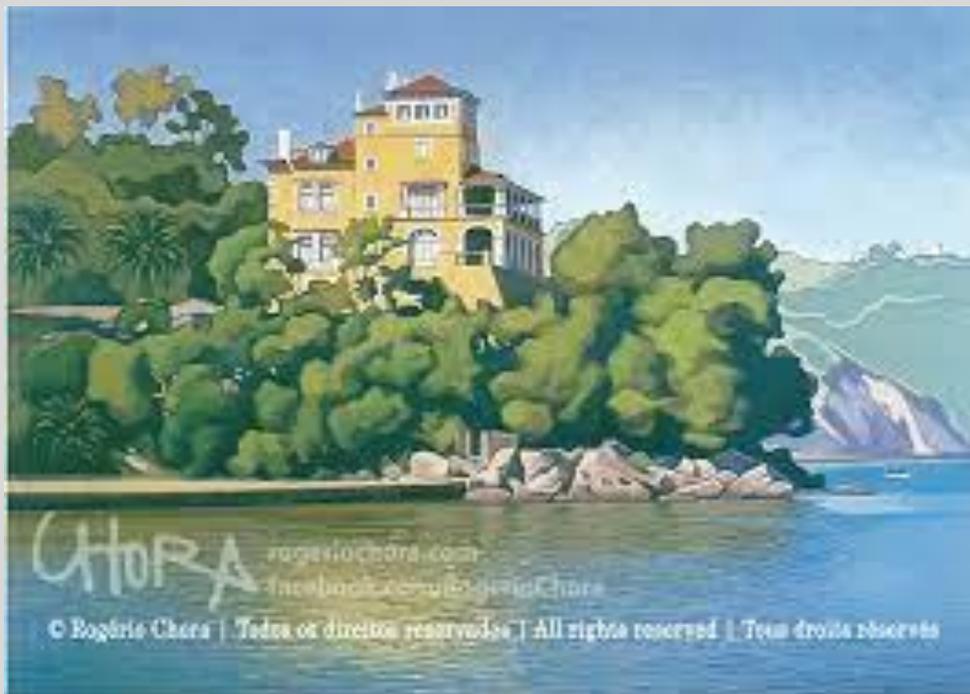
02/06/2021



Rogério Chora (Pintor Sadino)



“Palácio da Comenda”



“Fortaleza de S. Filipe”



... o primeiro contacto...



- Predispus-me a ser contactado pelo doente quando este quisesse e, no dia seguinte, lá recebi um *email*, após o que tivemos a primeira conversa telefónica. Tinha uma voz perfeitamente perceptível que transmitia um misto de aparente segurança e de serenidade. Queria saber, acima de tudo, se eu poderia obter informações mais precisas a propósito de uns certos tratamentos que tinha sabido estarem em processo de investigação através de uma pesquisa que tinha efetuado na *internet*, num *site* de uma associação internacional de doentes com esta mesma enfermidade. Ao saber que as referidas moléculas tinham origem em Israel e no Japão, imediatamente me servi de alguns contactos que conhecia, com vista a esse mesmo esclarecimento e à remota possibilidade do mesmo poder ir ainda a tempo de integrar, eventualmente, um ensaio clínico que existisse. Deu-me o nome do médico neurologista que o tinha passado a seguir no Serviço Universitário de um dos hospitais centrais de Lisboa, tendo eu conseguido obter o seu contacto através de colegas com conhecimento mútuo, com o objetivo de me inteirar melhor do seu plano de seguimento clínico, bem como para lhe transmitir a informação que a doença avançava a um ritmo vertiginoso, e, por fim, para lhe falar da vontade do doente em poder ter acesso aos alegados tratamentos inovadores que lhe fossem capazes de acender, ainda que tenuemente, uma luz de esperança.
- O colega Mamede Carvalho mostrou simpaticamente total abertura para discutir todas essas questões, dizendo-me que se lembrava perfeitamente do doente e da sua filha, a Ana, uma atleta medalhada. Caracterizou-o de imediato como sendo um homem muito decidido, o que condizia bem com a profissão de engenheiro que exercia. Tinha a intenção de lhe agendar uma reavaliação clínica em breve e concluiu aquela curta conversa telefónica, esclarecendo-me que tudo indicava que o medicamento japonês não representaria, afinal, qualquer avanço significativo relativamente aos fármacos que hoje já dispomos, mas que, quanto ao outro, o do cientista israelita que tinha descoberto essa molécula, sabia que ele tinha ido para os EUA para aprofundar a sua pesquisa. Os resultados da fase III iriam ficar publicamente disponíveis em novembro próximo, sendo de admitir que viessem a ser encorajadores, no seguimento dos já anteriormente divulgados. Tendo estas informações em consideração, pedi para suspender as iniciativas que estavam a ser desencadeadas pelos primos José e Jorge Beatriz, que se haviam tornado imediatamente disponíveis para a missão de interceder junto de amigos seus no Império do Sol Nascente.



02/06/2021

Henry Tonks (Médico, cirurgião e pintor inglês, 1862-1937)

“Hugh Hammersley e a sua Filha”



“Mr. Steer e Mr. Sickert”



... a primeira visita...



- Foi precisamente isso que transmiti pessoalmente ao Fernando no fim de semana seguinte quando, por mera coincidência, tinha aceite um convite de um simpático casal, a Manuela e o Rui, seus vizinhos, para ir almoçar, na companhia da minha esposa, também médica, de outra colega, a Maria José, bem como do Frei Miguel, com quem tínhamos ido, em Novembro do ano anterior a uma viagem a Israel e a quem eu havia também pedido, dadas as suas profundas ligações a confrades desse país, que intercedesse, pelos meios possíveis, com vista a corresponder ao apelo que recebi, em relação ao outro medicamento alegadamente mais promissor.
- Essa conversa, que decorreu após o almoço em casa dos seus vizinhos, antes de ir visitar a minha mãe, que mora, desde há cerca de três anos, numa residência para professores e seus familiares, deu para confirmar o que já tinha intuído. Estava perfeitamente consciente da gravidade da sua situação e do respetivo prognóstico, afirmando dispor-se, acaso fosse necessário, a meter-se num avião e a ir diretamente ao centro coordenador dos estudos nos EUA, para se oferecer como voluntário, se o aceitassem como tal. Por fim, lamentou-se, logicamente um pouco desiludido, pelo facto do *email* que lhes tinha remetido na semana anterior não tivesse tido qualquer resposta até aquele dia. A contemplar o rio, pela janela do andar localizado no último piso de um prédio situado junto à avenida marginal da cidade, de frente para a península de Troia, rematou, resolutamente, a terminar a conversa: irei enquanto o posso fazer, pois não haverá muito mais tempo útil a perder. Talvez que aquela magnífica paisagem lhe tivesse incutido a necessária coragem e a imprescindível esperança para continuar a resistir e a lutar, pensei.
- Terminei, acrescentando que o viria visitar daí a uns dias, depois da sua próxima consulta de neurologia e de falar com o seu médico assistente, no intuito de lhe mostrar o texto do artigo intitulado *“Saúde, Doença e Economia em tempos de Pandemia: Reflexões a partir de duas histórias, duas comemorações virtuais, seis sentidas dedicatórias e uma dúzia de missivas”* que estava nessa altura a acabar de escrever, e onde falava desta conversa, o que o surpreendeu, mas que agradeceu silenciosamente através de uma apelativa troca de olhares.



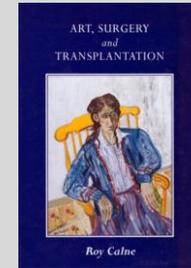
John Bellany (Pintor escocês, 1942-2018, doente de Roy Calne)

“Bonjour Professor Calne”

“Autorretrato”



... a segunda visita...

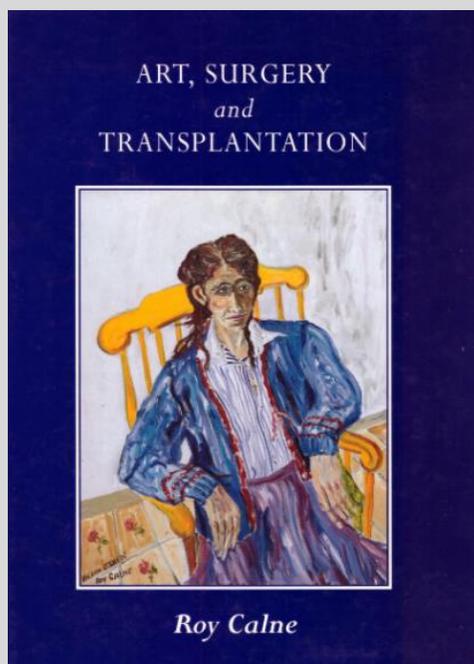


- Na visita que se seguiu, estive acompanhado quase todo o tempo, pelo que não houve oportunidade para termos qualquer tipo de conversa mais reservada, como seria suposto. Contudo, foi reconfortante constatar que tinha amigos e colegas que se interessavam por si, incluindo a Unidade de Cuidados Paliativos, cuja experiência e aconselhamentos passariam a ser imprescindíveis a partir desse momento. De entre os presentes, estavam o seu primo, médico de família, Manuel Salgado e a colega Cristina Fryxell, responsável pela referida Unidade, curiosamente meus ex-colegas, quer de liceu, quer de faculdade. Informou-me que a consulta de Neurologia tinha corrido bem e que o colega Mamede Carvalho havia solicitado uma observação em consulta de Pneumologia, antecipando a possibilidade de poder vir a necessitar, a prazo, de apoio ventilatório no domicílio. Tinham abordado a questão do medicamento inovador, mas ainda não haviam resultados conclusivos que permitissem antever a concretização do que aguardava com tanta expectativa.
- Saí a pensar quão angustiante este tipo de espera deverá ser para quem se encontra em situações semelhantes às do Fernando, tal como pude verificar nos anos de 2015 e 2016 com os meus doentes padecentes de cirrose hepática, conseqüente a uma infeção crónica pelo vírus da Hepatite C, durante o período inadmissivelmente longo que mediou entre a conclusão dos estudos clínicos e a aprovação da homologação dos mesmos pelas autoridades regulatórias internacionais, e, a conseqüente aprovação pelo Infarmed e posterior atribuição do regime de comparticipação pelo Ministério da Saúde que conduziu, finalmente, à possibilidade de darmos início ao tratamento em massa de milhares destes doentes, sendo certo que alguns nunca chegaram a beneficiar dessa almejada possibilidade, por terem entretanto falecido nesse interregno, alguns deles meus doentes também.



Sir Roy Calne (Médico, cirurgião e pintor inglês, 1930-)

“Capa de livro”



“Autorretrato”



... a terceira visita...



- Voltei a visitá-lo, depois de cerca de um mês de ausência, período em que “apenas” lhe telefonava semanalmente. O seu caso clínico, que contei no referido artigo, serviu para ilustrar uma necessária chamada de atenção às autoridades nacionais com responsabilidades no setor da saúde para que estas se não esquecessem da realidade dos doentes com outras patologias “não COVID”, cuja resposta aos seus problemas clínicos e sociais importaria também saber adequadamente preservar.
- A sua doença havia evoluído vertiginosamente desde que o visitei pela primeira vez. Nesta visita, ao contrário das duas anteriores, estava sozinho, apenas com o seu gato de estimação aos seus pés. O facto de a empregada estar na cozinha e nós na sala, não retirou intimidade ao nosso diálogo, feito tanto de palavras, como de silêncios, tal como o que fica subentendido daquilo que ficou exarado para a posteridade, quer pelo filósofo alemão, Ludwig Wittgenstein, quer pelo poeta grego, Eurípidés, quando estes dois génios do pensamento universal declaram, com quase dois milénios de intervalo, respetivamente, *“o que se pode dizer pode ser dito claramente, e aquilo que se não pode falar tem de ficar no silêncio”*, e, *“fala se tens palavras mais fortes do que o silêncio, ou então, guarda silêncio”*.



Joe Wilder

(Médico, cirurgião e pintor norte-americano, 1920-2003)

“Médico a observar um doente”



“Reflexão antes da cirurgia”



SAVE THE DATE

24h de NEUROGASTROENTEROLOGIA
CURSO de PRIMAVERA

NMD
NÚCLEO DE NEUROGASTROENTEROLOGIA
E MOTILIDADE DIGESTIVA

9 e 10 ABRIL | 2021
LISBOA

GRANDES TEMAS:
• RELAÇÃO MÉDICO-DOENTE
• DISPEPSIA



... a dependência absoluta...



- Tenho uma convicção cada vez mais fundamentada que o médico deve ir atrás das ideias que o doente, explícita ou implicitamente, vai sugerindo como tema de conversa, de modo a que nenhum assunto possa ser *tabu* em circunstâncias desta natureza. Nada deve ficar por abordar que seja da vontade do doente. Já sob auxílio ventilatório durante o período noturno, primeiro, tinha começado a utilizar também esse dispositivo durante o dia desde há pouco tempo, no intuito de poder ganhar o fôlego necessário que lhe permitisse ter um discurso mais fluido, sem se cansar tanto. Falou-me, tanto dos seus sonhos, como dos pesadelos, bem como da importância de ter sempre por perto o seu gato, um imprescindível e fiel animal de companhia. Expressou-me que poder falar à vontade desta maneira, embora não fosse sobre assuntos prazerosos, acabava por ser libertador e aliviava um pouco a sua angústia existencial. Disse-me que sentia um particular gosto em desenhar, pois tinha-se licenciado recentemente em arquitetura, depois de exercer, durante anos, a atividade de engenheiro civil, mas que ainda não havia encontrado a maneira de o fazer com prazer depois de ter adoecido, através do computador que acionava com o seu próprio olhar.
- Confessou que estava a aprender a viver de uma outra maneira quando se confrontava consigo mesmo de forma solitária, como se já tivesse lido o que o poeta e escritor austríaco, Rainer Maria Rilke sentenciou, ao deixar dito *"a única viagem é a interior"*. Concordou comigo quando lhe disse que a dor e o sofrimento só têm verdadeira dimensão e sentido quando deles temos consciência, pois, caso contrário, o pior será mesmo mais para os circundantes que nos querem, do que para nós mesmos. Também comentei que, embora o médico tenha a obrigação de fazer um esforço por se colocar na posição do seu doente, no intuito de poder ter uma noção o mais aproximada possível das implicações das suas decisões, ninguém poderá dizer que tem a certeza de nada, sem ter tido uma experiência idêntica e real, e, não apenas, por interposta pessoa.
- Os seus filhos chegaram, entretanto, à casa paterna, vindos de fora, para passarem as festas da época natalícia em conjunto com ele, pouco tempo antes de me despedir. Combinei voltar na próxima semana, pois tinha um outro compromisso já agendado daí a poucos minutos.

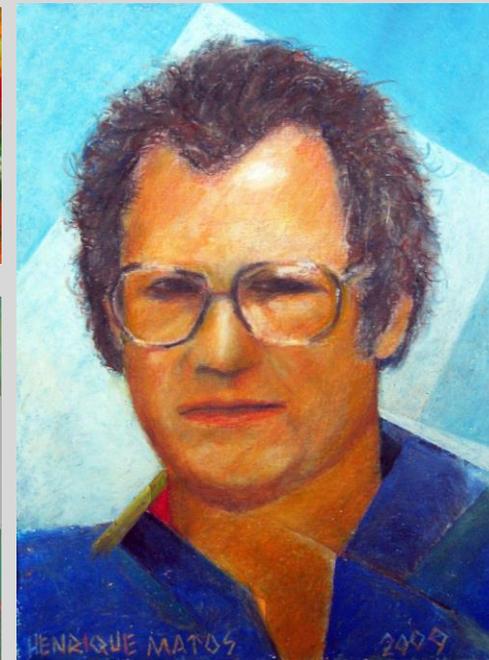


02/06/2021

Erika Richert (pintora norte-americana) / / Henrique Matos (pintor português, 1961-)

“Stephen Hawking”

(Zeca Afonso)



... a quarta visita...



- No encontro seguinte, disse-me que ainda tinha apenas começado a olhar para o meu escrito (que viria a ter por título de *“Reflexões com espírito natalício em tempos de pandemia sobre a medicina e as viagens: Uma evocação da memória de seis colegas, em estilo de dedicatória a um doente especial”*), mas que o seu filho, o Tiago, já lhe tinha começado a ler a introdução, que disse ter apreciado muito. Este acompanhou-o o tempo todo em que ali estivemos a conversar. Essa presença, tal como pude verificar, não lhe retirou qualquer ponta de espontaneidade. Aqui e acolá, inclusive, houve espaço para alguns mal disfarçados sorrisos e, mesmo, para discretas gargalhadas menos contidas. Disse-me, enquanto o filho lhe fazia algumas carícias num dos braços, que notava uma grande variabilidade de humor, sendo este um dos dias menos maus. Constatou que, se a progressão da doença ia indiscutivelmente no sentido de um agravamento global, tal não se verificava em todos os aspetos, sendo também patente que existiam certos pormenores em que considerava estar a melhorar, o que considerou, por um lado, um mistério, mas admitindo também que talvez tivesse a ver com os exercícios físicos que tinha, entretanto, recomeçado a fazer com a ajuda de uma fisioterapeuta, tal como com os aspetos psicológicos envolventes. As células estarão a morrer ou “apenas” a ficar atrofiadas na função, questionou-me, ao que lhe respondi, estava a sua filha a voltar a casa, que o fenómeno seria mais próximo da segunda hipótese.
- Disse-lhe que seria bom gozar da presença dos filhos nesta quadra festiva, mas que era importante buscar outras fontes de interesse. Acrescentei que conhecia várias pessoas que, ao verem-se confrontadas com algo de inesperado, capaz de lhes alterar substancialmente o seu curso de vida, fosse por intercorrências agradáveis ou desagradáveis, mas nunca indiferentes, haviam decidido começar a escrever, no sentido de poderem digerir melhor as consequências desse evento, partilhando-o posteriormente com outrem, o que acabava por ter um indiscutível valor terapêutico. Curiosamente, disse-me que concordava, e, com uma expressão algo matreira, até confessou que já tinha começado a escrever, com a ajuda de outra pessoa, algo acerca do curioso tema da *“Arquitetura do Amor”*, ao que lhe recomendei que continuasse e que se impusesse a colocar metas sucessivas nesse percurso, no sentido de se automotivar.
- Fiquei a saber que ainda saía à rua sempre que podia, embora reconhecesse que o inverno não ajudava a concretizar esse enorme gosto. Fico muito tempo nesta sala, mesmo apesar de ter condições de conforto que outros não têm, reconheceu. Lamentou-se bastante da má experiência recente, vivida quando teve de recorrer ao Serviço de Urgência do Hospital de Setúbal, concluindo que iria fazer todo o possível por não ter de aí voltar de novo tão cedo.

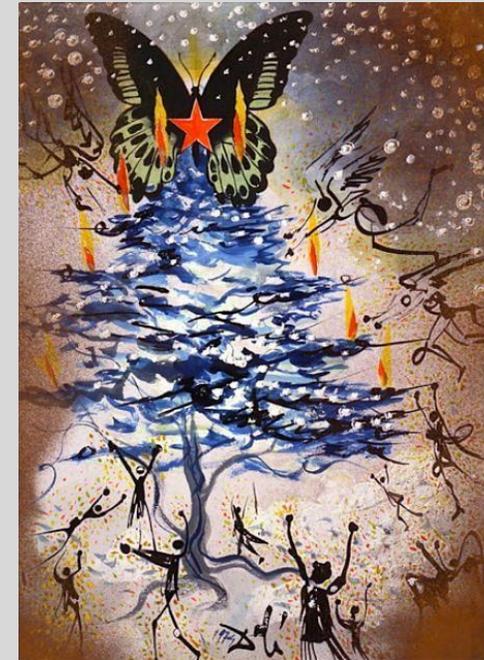


02/06/2021

Sandro Botticelli (pintor italiano, 1445-1510) / / Salvador Dalí (pintor espanhol, 1904-1989)

“Natividade mística”

“Postal de Natal”



... um futuro incerto...

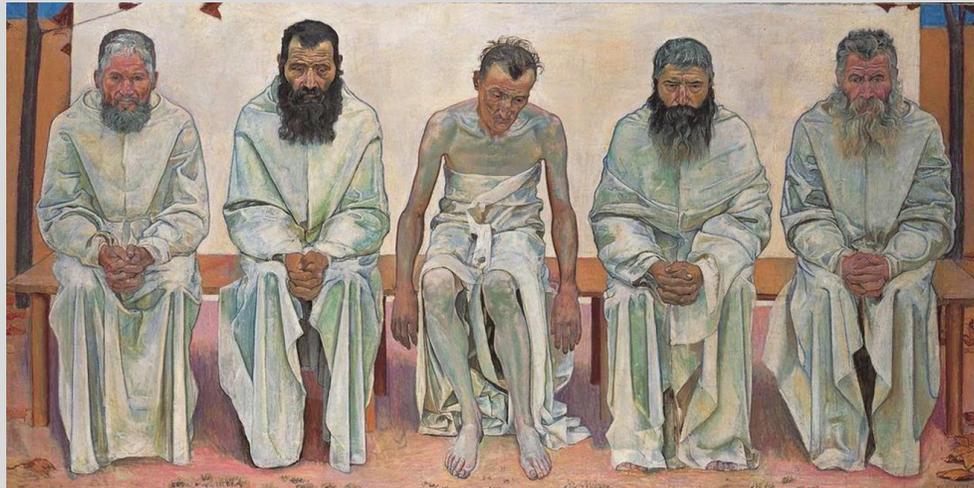


- A certa altura, exclamou que admitia afinal que talvez a sua doença se viesse a arrastar ainda por longos meses, não sendo capaz de dizer, nesse momento, se isso seria bom ou mau, mas colocando a hipótese de vir a faltar-se de vez da sua situação, pelo que considerou que, nesse eventual cenário, quando não houvesse mais nada que o motivasse a lutar contra a doença, talvez viesse a considerar a hipótese de solicitar ajuda para abreviar o seu fim. Não quis fugir ao repto e perguntei-lhe, frontalmente, se se referia ao que habitualmente se denomina por eutanásia. Respondeu-me que sim, mas que ainda não tinha uma ideia completamente formada e definitiva. Acrescentei que já tinha pensado muito sobre essa questão e que até havia escrito um texto onde expressava a minha opinião, intitulado *“Reflexões à volta da vida, do sofrimento, da morte e da imortalidade”* que, à semelhança do presente, lho poderia remeter também. Contextualizei que, a intenção de estar a escrever algo sobre ele, tal como a visitá-lo na sua casa, quando não era o seu médico direto, era fundamentalmente porque pressentia existir nele a genuína vontade de ter um interlocutor para expressar o que lhe ia na alma, e que conseguisse ir para além do estéril monólogo solitário com que se confrontava em certos momentos. Nenhum assunto deverá ficar por tratar, seja de que natureza for, concluí.
- Antes de me despedir, disse-lhe que lhe iria remeter a versão final do texto, para que me informasse se autorizava, ou não, a sua eventual publicação, apazando uma nova visita para a semana seguinte. Amanhã irei ser vacinado contra a COVID, exclamei, o que é um sinal de esperança. Este é mesmo o sentimento que nunca nos deve abandonar, sob pena de nada ter jamais sentido para um Ser Humano. Tal é, a última e mais nobre missão do Médico. Mesmo quando tudo parece estar perdido, afirmo convictamente. Como exemplifiquei em algumas das histórias do meu livro *“Ode ou Requiem”*, se alguém desiste de querer viver, o prognóstico da doença é bem pior. Quando se quer viver a todo o custo, por vezes, até conseguimos ultrapassar doenças com um prognóstico, à partida, muito pior. Ao sair, ainda tive tempo para lhe dizer que achava que iria certamente continuar a escrever sobre o nosso relacionamento, pois sentia que o mesmo não havia chegado ainda ao fim, e que até tinha tomado, nesse mesmo dia, a decisão de publicar um outro livro, a que pensava dar o título de *“A relação humana na prática médica: histórias no decurso da pandemia e outros textos”*, baseado naquilo que já escrevera depois de ter lançado o livro da Ordem dos Médicos e, sobretudo, durante os sucessivos confinamentos provocados pela presente pandemia, rematei.



Ferdinand Hodler (pintor suíço, 1853-1918)

“Almas desapontadas”



“Almas desapontadas”



... a quinta visita...



- Durante os três meses seguintes continuei a visitar o Fernando com uma periodicidade que oscilou entre o semanal e o quinzenal, conforme a minha disponibilidade permitia, em função da enorme sobrecarga de trabalho com que me confrontei durante todo esse período de tempo. Recebeu-me sempre efusivamente. As conversas passaram, contudo, a ter um carácter cada vez mais natural, como se de uma rotineira visita de velhos amigos se tratasse. Imperava, sobretudo, uma reconfortante tranquilidade e os aspetos mais emotivos e dramáticos tinham-se desvanecido.
- Curiosamente, passou a fazer-me perguntas acerca do modo como eu ia lidando com a minha vida profissional, pois confessava que não se queria jamais ver colocado no meio da infernal e aterradora balbúrdia que via escarrapachada nas reportagens televisivas que incessantemente se repetiam a cada hora de todos os dias da semana. Referiu que, uma ou outra vez, viu, com interesse redobrado, excertos de entrevistas que eu tinha dado a alguns meios de comunicação social, ao que lhe respondi que só presenciando, em pessoa, o cenário que aparecia noticiado, tal como o fiz durante dezasseis horas por cada um de cinco sábados consecutivos, entre janeiro e fevereiro de 2021, se pode verdadeiramente interiorizar o que aí se passou, e que não há, pois, maneira alguma de jamais esquecer. Foi o que passei a escrito em dois textos intitulados *“Linguagem eufemística em tempos de catástrofe, carta aberta à Ministra da Saúde”* e *“Vida e morte em tempo de pandemia: uma ode em estilo de homenagem aos que, durante o seu curso, sofreram, pereceram ou sobreviveram”*, que irão integrar o referido livro, o primeiro dos quais já publicado.



Escritos da pandemia



Artigo publicado no “Observador”

Título: “Linguagem eufemística em tempos de catástrofe, carta aberta à Ministra da Saúde, Dr^a Marta Temido”

Autor: José MD Poças (Médico especialista em Medicina Interna, Infeciologia e Medicina do Viajante; Diretor do Serviço de Doenças Infeciosas do CHS; Elemento do Gabinete de Crise para a COVID do CHS; Subscritor do Documento remetido pelo mesmo Gabinete à Ministra da Saúde)

“À medida que prorrogamos as decisões, antecipamos as catástrofes” (Josemar Bosi, escritor brasileiro, sec. XX-XXI)

“O Homem constrói as suas próprias catástrofes apocalípticas” (Amauri Valim, escritor brasileiro, Sec. XX-XXI)

“Nas catástrofes, o grito mais alto é o do silêncio dos mortos” (Léo da Silva Alves, Professor Universitário e Jurista brasileiro, Sec. XX-XXI)



Texto inédito

Título: “Vida e morte em tempo de pandemia: uma ode em estilo de homenagem aos que, durante o seu curso, sofreram, pereceram ou sobreviveram”

Autor: José MD Poças (Médico especialista em Medicina Interna, Infeciologia e Medicina do Viajante; Diretor do Serviço de Doenças Infeciosas do CHS; Elemento do Gabinete de Crise para a COVID do CHS; autor do site josepocas.com)

Texto

“Morremos no exato momento em que deixamos de ser úteis. Estar morto é estar entregue aos vivos” (Jean-Paul Sartre, filósofo francês, 1905-1980)

“É necessário muito pouco para que a vida seja feliz; está tudo dentro de cada um de nós e na maneira como pensamos” (Marco Aurélio, Imperador de Roma, 121-180 DC)

... novos projetos...



- Empolgou-se a comunicar-me que iria ser transportado em breve para a vacinação contra a COVID, situação que achou, contudo, mais própria de um país que não cuida verdadeiramente dos seus cidadãos mais vulneráveis, pois o que deveria acontecer, seria ser vacinado na sua própria casa, por uma equipa que aí se deslocasse do Centro de Saúde e não o contrário, sujeito a contrair a infeção que tanto o atemorizava. Mais calmo, acabou por concluir que se tinha resignado à sua situação de total dependência, considerando que era como se, de repente, tivesse envelhecido cerca de trinta anos. Ainda bem que tenho possibilidades de ter conforto e apoio permanente de uma firma especializada que aqui faz deslocar semanalmente pessoas que permanecem junto de mim vinte e quatro horas por dia, enfatizou. Ainda especulou que não se conseguiria imaginar a estar neste estado e sem essa possibilidade, como infelizmente acontece à generalidade das pessoas...
- Fez também questão de me informar que tinha tirado da gaveta um projeto de urbanização para ser concretizado num terreno deixado pelo pai a si e ao seu irmão Jorge (arquiteto de campos de golfe) que o pretendia recomeçar a desenvolver em parceria com uma sua colega, pois as limitações decorrentes da condição de saúde que tinha, logicamente, não o permitiam agora fazê-lo autonomamente, como pensou em tempos idos. *“É para deixar para os filhos e sobrinhos”*, disse com um semblante algo sério e decidido, como se quisesse transmitir que pensar no futuro dos “seus” fosse ainda uma missão que o preocupava e que pretendia levar a bom porto até ao fim.



Siza Vieira (arquiteto português, 1933-)

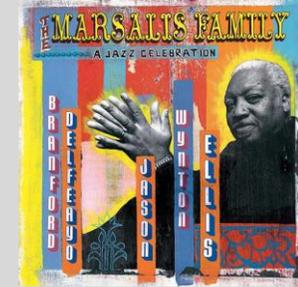
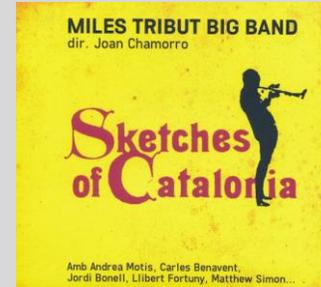
“Adega Mayor- esboço”



“Adega Mayor- foto”



... uma descoberta...



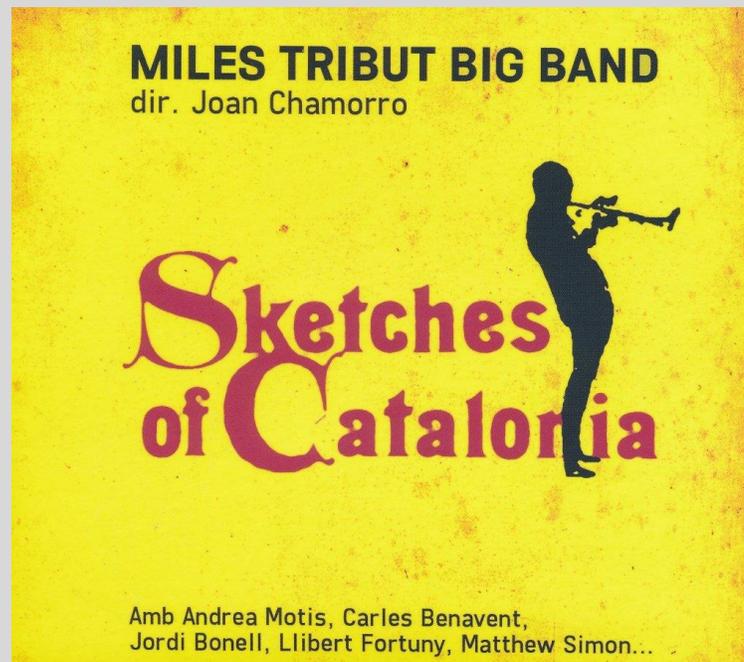
- Tal como lhe tinha sugerido antes, encontrou mesmo outros motivos de interesse para amenizar a sua solidão e tornar menos enfadonho o passar do tempo. Via muitos programas de televisão relacionados com a natureza, dizendo-me que era outra forma de viajar sentado na cadeira horas a fio. Mas, o que verdadeiramente o tinha passado a empolgar, foi ter descoberto o poder imenso da música. Apesar de se confessar um não entendido nessa matéria, tinha como que tropeçado casualmente no *Youtube*, que via projetado no ecrã da televisão, e ficado imensamente surpreendido com o enorme impacto emocional do jazz.
- Quando lá entrei para lhe fazer a última visita, estava a ver um concerto da cantora e trompetista catalã, Andrea Motis, acompanhada da sua irmã, a guitarrista Carla Motis, a tocarem em conjunto com a orquestra do grande contrabaixista, Joan Chamorro, seu conterrâneo, de quem eu tinha comprado, há cerca de cinco anos, um excelente CD, *“Sketches of Catalonia”*, em honra do grande trompetista norte-americano Miles Davis e do pianista e chefe de orquestra canadiano, Gil Evans, quando fiz uma viagem relâmpago a Lérida, para acompanhar a defesa da tese de mestrado de um colega de quem tinha sido co-orientador, Weiner Santos, sobre a “Febre Q”. Este, para além de se ter licenciado em Medicina Humana, já era anteriormente Médico Veterinário pela Universidade de Havana, e, Farmacêutico pela de Barcelona. Fizemos esses 2500Km em dois dias consecutivos, ao som de CDs de música cubana da minha coleção, alternando a responsabilidade da condução, num automóvel que havia comprado na semana anterior e na véspera da cerimónia de inauguração das Jornadas Monotemáticas por mim presididas, que se realizam em Sesimbra de dois e dois anos.
- Depois de ouvirmos uns trechos desse excelente concerto, ofereci-me para passar ser eu a fazer a seleção musical, o que aceitou com redobrada expectativa. Dos vários vídeos que selecionei, comecei pelo da Família Marsalis (Ellis, o pai, pianista, professor universitário, falecido em 2020 de COVID, aos 85 anos, que eu havia visto a atuar em New Orleans, sua terra natal, numa memorável viagem que fiz há cerca de dez anos com a Ana, minha esposa; Wynton, um dos melhores trompetistas de sempre, ex-diretor da Orquestra do Lincoln Center de Nova Iorque, que também já ouvi quando aí estive há cerca de quinze anos; Brandford, saxofonista, que ouvi num concerto no Centro Cultural de Belém em 2019, acompanhado pelo seu excelente quarteto; Delfeayo, trombonista e arranjador musical dos CDs família; e, finalmente, Jason, baterista e vibrafonista, o mais novo, que acompanhou o pai no referido concerto e que eu voltei a ouvir com o seu próprio grupo, na mesma viagem já referida, dois dias depois, na noite em que comemorámos os 26 anos de casamento, após termos jantado e assistido a um outro concerto, desta vez por uma banda de jazz de estilo Dixieland, os famosos Dukes of Dixieland, dentro de um pacote que faz excursões no rio Mississipi, dois anos depois do furacão Katrina).



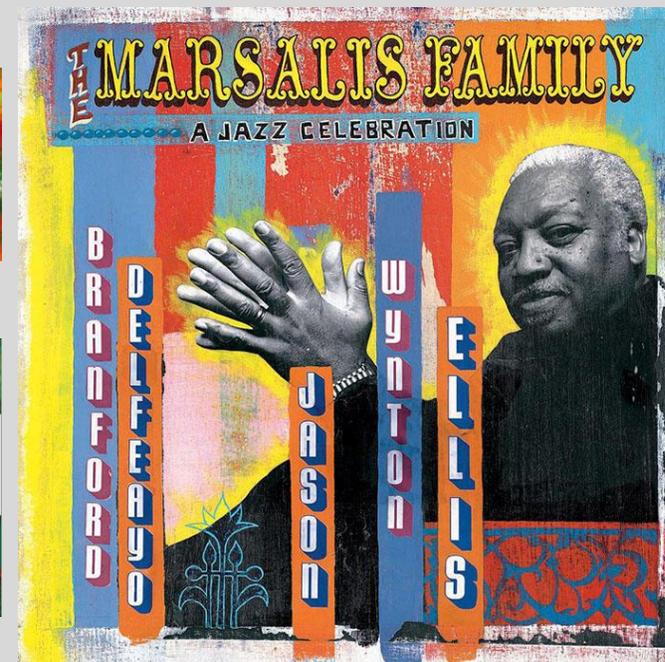
02/06/2021

Capas de CDs

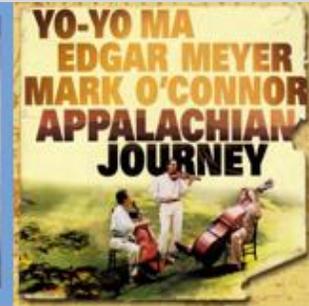
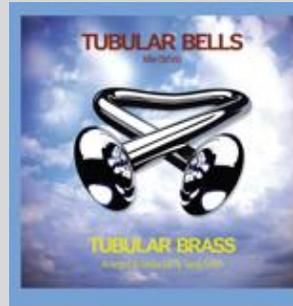
Joan Chamorro Big Band



Marsalis Family



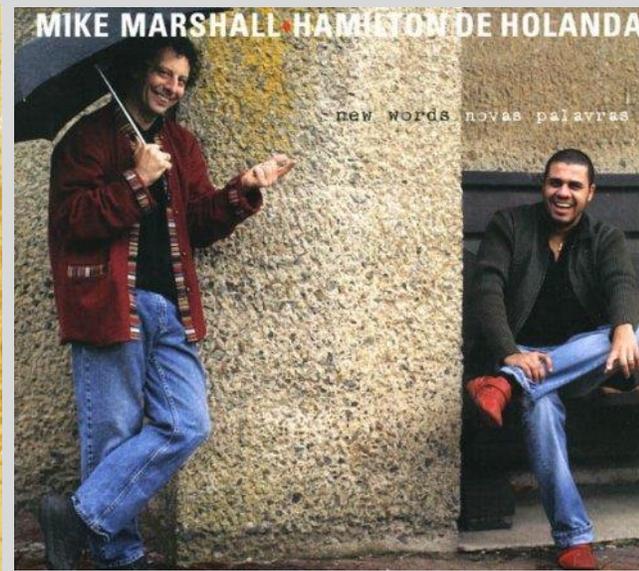
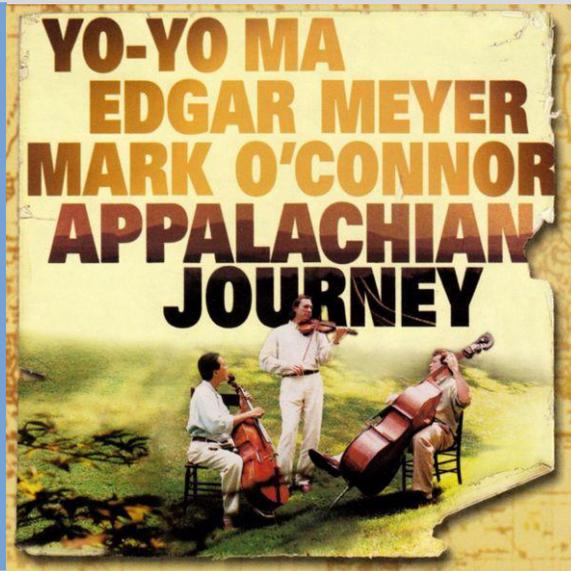
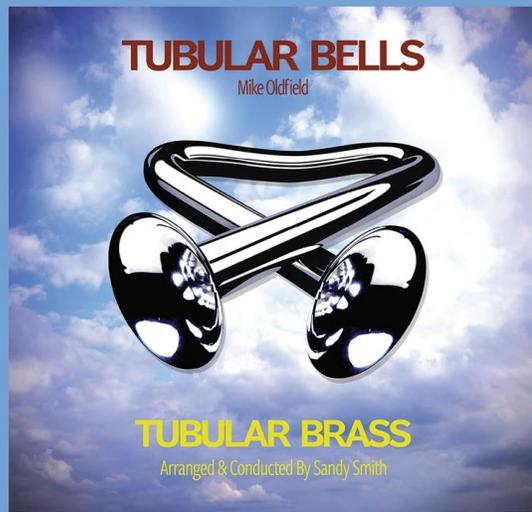
... a música!!!



- . Coloquei, de seguida, música do Grupo inglês de metais, TubularBrass, do qual comprei recentemente um CD, a interpretar o inimitável “Tubular Bells” do músico de rock inglês, Mike Oldfield, a do trio formado por Yo-Yo Ma, violoncelista francês de origem chinesa, Edgar Meyer, contrabaixista norte-americano e Mike O’Connor, violinista, também norte-americano, a tocarem *bluegrass*, e, de seguida, o duo formado por Mike Marshall, bandolinista norte americano e Hamilton de Holanda, bandolinista brasileiro, a tocarem uma música híbrida de choro e de *bluegrass*, estilo etnojazz, que o deixou deveras surpreendido, tal a eximia destreza de todos os esses executantes. Antes de sair, não resisti a dar-lhe a ouvir o “Concerto de Colónia” do pianista de jazz norte-americano, Keith Jarrett, que ouvi no Coliseu dos Recreios de Lisboa há cerca de quarenta anos. Expliquei que se tratava de improvisação total no momento da própria gravação, em piano solo, pelo que o seu autor exigia sempre silêncio absoluto ao público presente na assistência, para que a sua concentração fosse a mais completa possível. Acrescentei que esteve uns anos sem conseguir tocar, pois sofria da denominada “síndrome da fadiga crónica”, que tem uma origem muito enigmática e é muitíssimo limitativo para a maioria das pessoas que dela padecem. Este tinha passado duas décadas a tentar reabilitar-se através da própria música, tendo ainda editado, depois, alguns CDs, embora sem o brilhantismo dos anteriores, até que, mais recentemente, sofreu de dois acidentes vasculares cerebrais consecutivos, que o deixaram impossibilitado de tocar piano para sempre. Depois de ouvir esta explicação e de ter começado a ser invadido pelos primeiros acordes daquela música tão única, com uma insuperável melodia, plena de intimismo introspetivo, olhou para mim e, quando eu já estava de pé, pronto para me despedir, lançou-me um olhar mais próprio de alguém que estava como que algo hipnotizado, exclamando: isto é mesmo qualquer coisa de arrebatador e que nos impressiona profundamente...!!!
- Depois de sair, pensei nalgumas das citações que acho que podem expressar o que o Fernando terá ficado a pensar, como o que se depreende do que o grande escritor inglês, Aldous Huxley deixou lapidarmente escrito: “*depois do silêncio, o que está mais próximo de poder explicar o inexplicável, é a música*”. Aí, decidi: para a próxima visita, dar-lhe-ei a ouvir o trio do inigualável pianista norte-americano de jazz, Bill Evans, do qual faziam parte o contrabaixista porto-riquenho, Eddie Gómez e o baterista Eliot Zigmund, também norte-americano, a tocarem a insuperável melodia composta pelo pianista francês Michel Legrand, falecido em 2019, intitulada “*You must believe in Spring*”, no CD com o mesmo nome. Estou absolutamente certo que também ficará completamente rendido.



Capas de CDs



Uma visão pessoal...



- Ser médico é, não raramente, como aqui tento de demonstrar, saber ir para além do papel estrito de um mero “clínico”. Pode, até, em sentido lato, passar por nem sequer ter como missão principal prescrever exames auxiliares de diagnóstico ou terapêutica farmacológica. Pode materializar-se “apenas” em ter um encontro capaz de despertar aquilo que, mais do que tudo, pode propiciar o prazer possível em cada circunstância, a alguém concreto, que, compreensivelmente cheio de incertezas quanto ao seu futuro, ajudamos, deste modo, a que encontre o meio de se conseguir libertar do interminável e trucidante labirinto que a procura incessante de saber responder às questões relativas às causas do cataclismo que se abateu de súbito e de modo inexplicável sobre si mesmo. Porquê a mim? Porquê agora? Porquê esta e não outra doença com um percurso não tão inexorável para a quase total dependência? Porquê uma doença ainda sem tratamento? Porquê uma patologia que poupa a mente, mas deixa o corpo completamente inerte?
- A relação médico-doente implica estar disponível para saber ultrapassar, se adequado, os tradicionais convencionalismos impostos pela sociedade, desde o tempo, o local, ou os honorários, até à utilização dos típicos instrumentos, trocando o estetoscópio e o esfigmomanómetro pelo uso da palavra e do olhar, promovendo a criação de um ambiente em que o intercâmbio de emoções seja muito mais importante do que o cumprimento sem falhas da posologia de qualquer medicamento. Será, assim, um cuidar do nosso semelhante, onde elementos como, por exemplo, a música podem operar verdadeiros “milagres”. É isso que se poderá depreender daquilo que Platão, o grande filósofo da Grécia antiga, terá querido expressar, quando deixou dito para a posteridade que *“a música dá alma ao universo, asas ao pensamento, inspiração à imaginação e vida a tudo”*.



Pablo Picasso (pintor espanhol, 1881-1973) / / Luke Fildes (pintor inglês, 1844-1927)

“Ciência e Caridade”



“O médico”



... e um repto!!!

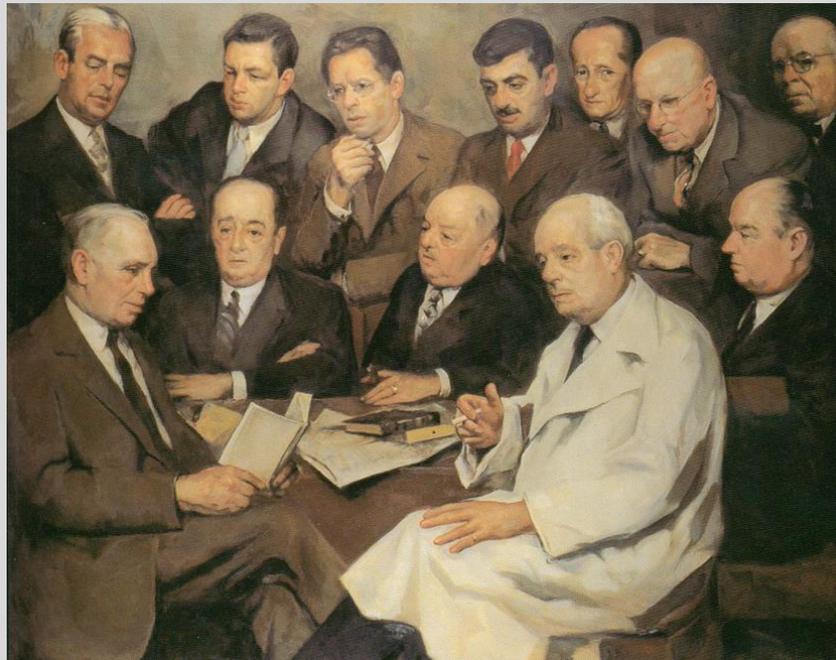


- Sempre que tenho este género de conversas com doentes com prognóstico reservado, por padecerem de doenças evolutivas que poupam a consciência e a lucidez, acabo sempre por concluir que o temos que fazer sem reservas ou sem *clichés* previamente estabelecidos, deixando fluir espontaneamente o discurso, valorizando a importância da linguagem gestual, do olhar, do tom de voz e da tranquilidade do ambiente circundante. Nunca fugirmos ao âmago das questões, jamais tratando o doente como se fosse um “ignorante” ou um “coitadinho”. Sabermos transmitir a verdade, o que supõe o conhecimento da sua personalidade e a capacidade de nos darmos a conhecer também como pessoas. Sabermos reconhecer abertamente o que não sabemos e dispormo-nos a pedir pareceres a colegas mais sabedores e experientes. Respeitar as suas vontades e os seus valores, mas sendo simultaneamente firmes e cautelosos a desmontar a teia de ideias desprovidas de qualquer base científica, porém, sem nunca retirarmos a última réstia de esperança. Algo que se aprende com a experiência, com o diálogo com os nossos mestres e com os próprios doentes, seus familiares e amigos, tal como com a vital reflexão constante acerca da nossa própria *práxis* profissional e dos seus fundamentos. Escrevendo, lendo, analisando e discutindo. Diria, em suma, que a verdadeira Medicina, é precisamente isto, ou seja, tudo aquilo que a veneranda tradição, que remonta a Hipócrates, nos foi sendo transmitida ao longo dos séculos, e não outra coisa qualquer.
- Todos (políticos, cidadãos, doentes e profissionais de saúde) vivemos muito legitimamente preocupados com os efeitos desta horrível pandemia, mas importa manter a lucidez e o espírito de solidariedade suficientes para não desprezarmos as profundas consequências sobre a saúde mental que ela está a produzir em todos, embora de forma especial nos idosos que estão fechados há longos meses nas mais diversas instituições ou nos doentes que não podem sair das suas casas. Tal como para não deixarmos sem acompanhamento clínico os restantes doentes com todas as outras patologias, sendo, pois, decisivo, que a investigação científica não fique suspensa, de modo a preservar o acesso atempado à inovação terapêutica, sobretudo para as doenças que não têm, ainda, um tratamento aceitavelmente eficaz, onde se inclui, logicamente, para além da produzida pelo SARS CoV-2, a ELA e todas as demais. Fármacos que devem ser disponibilizados a preços comportáveis pela riqueza disponível das diversas nações, no intuito de não deixar ninguém para trás.



Abel Manta (pintor português, 1888-1982) / José Malhoa (pintor português, 1855-1953)

“O grupo do consultório do Professor Pulido Valente”



“O remédio”



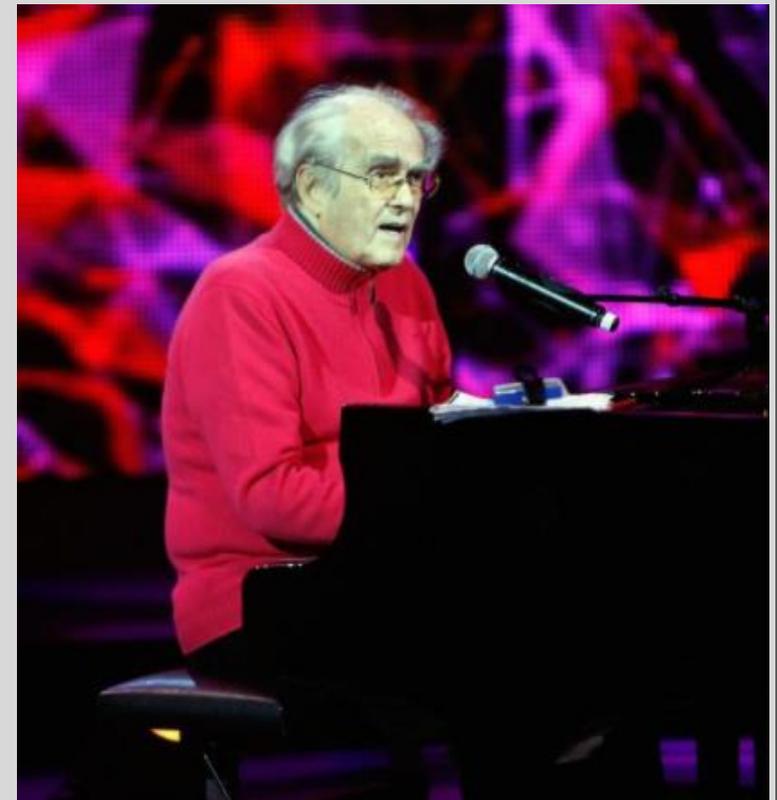
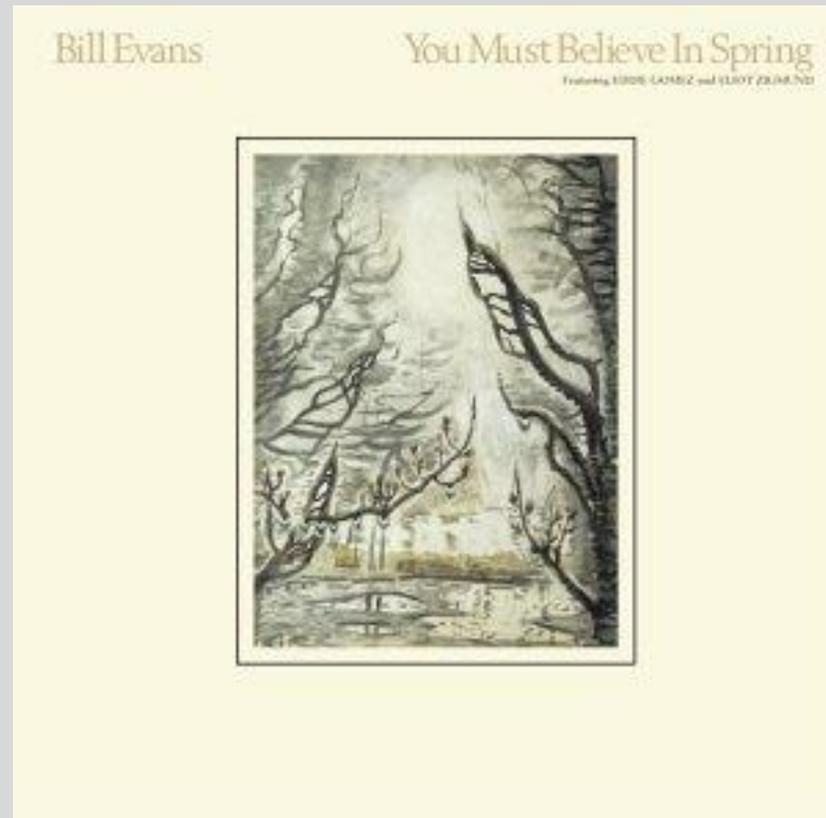
Ouçam, que vale a pena!!!



- Como disse o grande Louis Armstrong:
“A música é a própria vida”



“You must beleive in Spring” (Bill Evans Trio e Michel Legrand)



A terminar...



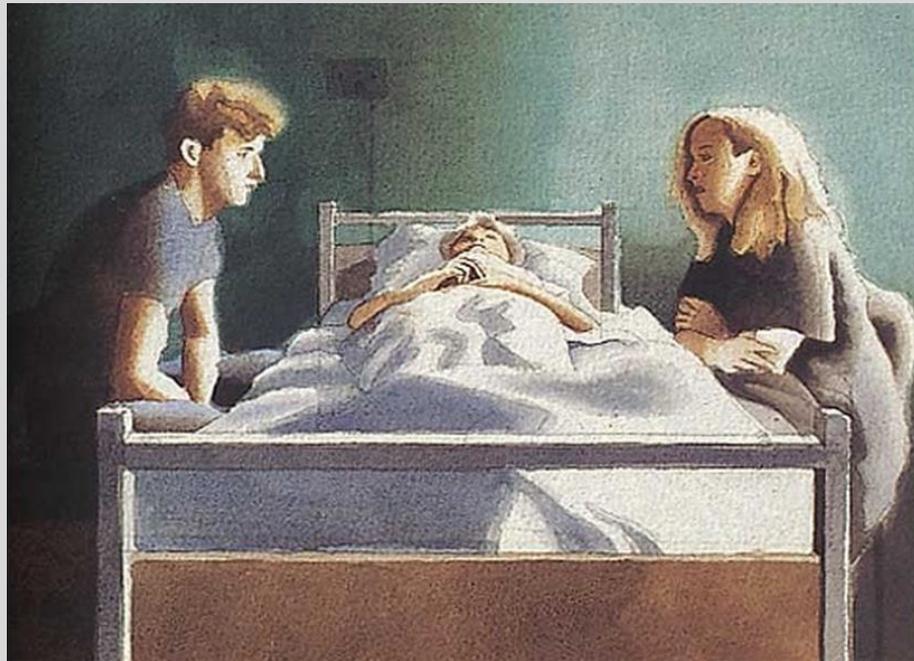
- **A concluir, pergunto-me, sempre que saio da casa do Fernando, qual virá a ser o impacto, a prazo, das visitas que lhe tenho feito e que tenho vontade de continuar a fazer. Talvez que o conforto propiciado pela amizade e pela empatia, sendo o único “medicamento” possível nestas circunstâncias, acabe por se revelar muito mais eficaz do que a remota possibilidade de vir a ter ainda acesso a qualquer inovação farmacológica, cuja utilidade, neste momento, seria amplamente duvidosa, dado que a reversibilidade do quadro clínico não parece estar ao alcance de qualquer avanço científico razoavelmente expectável. E que, desta forma, o verdadeiro desígnio da arte médica se possa cumprir, ainda que de uma forma pouco convencional: o de levar a que o próprio doente aceite, com a maior tranquilidade possível, o prognóstico da doença que lhe calhou contrair, sem jamais se recorrer à artimanha de fugir a essa responsabilidade, induzindo nele, falsas esperanças.**



02/06/2021

Robert Pope (Pintor norte-americano, 1956-1992)

“Enfermidade familiar”

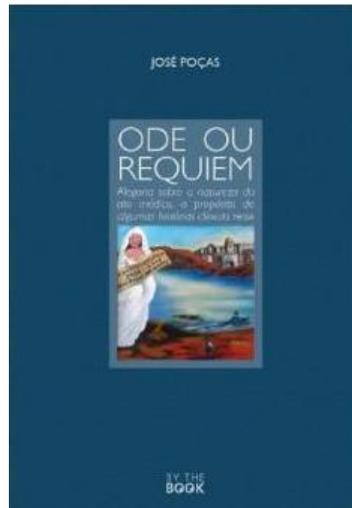


“O sonho do doente”





02/06/2021



*"REFLEXÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA:
HISTÓRIAS DE VIDA, DE PRAZER, DE
SOFRIMENTO E DE MORTE"*



Autor: José MD Poças



Convite para a Leitura e para a Reflexão

Um sincero desejo, em estilo de mensagem final Que o “Mundo em 2022” imaginado pelo génio de Walter Molino, não venha a passar de uma falsa profecia!!!

